

Por que dessa forma? Reflexões sobre a metodologia de uma pesquisa

[Comunicação]

Ricardo Soares Ribeiro
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
ricardo.rosane@hotmail.com

Resumo: Discuto nessa comunicação as considerações resultantes dos acertos e desacertos a partir de uma perspectiva reflexiva, que segue dividida em duas partes. Na primeira, trato do panorama metodológico utilizado na pesquisa; e na segunda, em que concentro a maior parte da discussão, dividida em três pontos, apresento os detalhes - com base em diferentes autores que tratam da temática - de como se deu a construção dos dados da pesquisa. A dinâmica utilizada considerou tanto a fala pessoal do autor, incluindo as descrições do que se passou “nos bastidores” da pesquisa, quanto o posicionamento de diferentes autores que tratam da temática aqui discutida. Os detalhes das várias situações expostas foram inseridos para apresentar alternativas úteis no sentido de propiciar diferentes argumentações para quem está começando a fazer pesquisa. Outro ponto que fortaleceu a pesquisa foi a compreensão de que a música - para além do que se ouve - pode funcionar como elo entre os integrantes e a missão de um grupo social, a exemplo da *comunidade de prática* em que as pessoas voluntariamente compartilham de um mesmo interesse ou paixão, que por sua vez, resultam no prazer da amizade e confiança que natural e gradualmente surgem ao longo da convivência.

Palavras-chave: Pesquisa; Metodologia; Música.

1. Introdução

O desejo de produzir este artigo surgiu quando eu escrevia o capítulo da Metodologia em minha pesquisa de Mestrado. Parto do princípio de que a metodologia não é uma “camisa de força” e sim, dentre outras coisas, um meio de refletir sobre as várias etapas utilizadas na construção de uma pesquisa científica. Sabemos que uma vez definido o que se pretende conhecer com mais detalhes, o pesquisador trabalha com inúmeras possibilidades antes de decidir como realizará sua pesquisa. Dito de outra forma, uma vez definido o que se quer conhecer (pergunta problema) e onde se quer chegar (objetivos da pesquisa), é necessário

escolher um caminho (metodologia), e se preparar para os possíveis acontecimentos que ocorrerão ao longo dessa caminhada (construção dos dados da pesquisa). Quanto mais detalhes (bibliografia sobre tema) o viajante (pesquisador) puder previamente reunir, maiores são as chances de chegar ao local desejado (conclusão da pesquisa).

Partindo da metáfora da viagem e correlacionando-a ao paralelo metodológico discuto nessa comunicação as considerações resultantes dos acertos e desacertos a partir de uma perspectiva reflexiva, que segue dividida em duas partes. Na primeira, trato do panorama metodológico utilizado na pesquisa; e na segunda, em que concentro a maior parte da discussão, dividida em três pontos, apresento os detalhes - com base em diferentes autores que tratam da temática - de como se deu a construção dos dados da pesquisa.

2. A metodologia da pesquisa

Esse tópico trata das etapas metodológicas resultantes da pesquisa que buscou por compreender como se dá o ensino e o aprendizado musical na Associação *Os Gideões Internacionais no Brasil*, com amparo na abordagem qualitativa de pesquisa, através do estudo de caso. A escolha dessa abordagem justificou-se pelo seu caráter interpretativo e por ocorrer “em um cenário natural” em que “permite ao pesquisador desenvolver um nível de detalhes sobre a pessoa ou sobre o local e estar altamente envolvido nas experiências reais dos participantes” (CRESWELL, 2007, p. 186). Além disso, essa abordagem foi relevante no sentido de propiciar análises, tanto nos aspectos subjetivos quanto nos individuais e coletivos através das experiências, crenças e pensamentos presentes no contexto da pesquisa, considerando seus traços religiosos.

Nesse sentido, respeitando as singularidades da pesquisa, foi necessário agregar à compreensão o fato de que

a perspectiva metodológica qualitativa em educação musical não trata somente dos aspectos musicológicos envolvidos nas relações, mas também da interpretação dos silêncios, dos gestos, das teias de significados que configuram essas interações (RECK, 2012, p. 162).

Assim, na descrição desse caminhar metodológico, me reporto ao interesse pelo tema, que se deu pela influência do meu estreito relacionamento com os

Gideões Internacionais no Brasil (GIB), instituição que atuo como associado desde o ano de 2013. Embora, a princípio, não tivesse nenhuma pretensão de tornar o ambiente cotidiano e corriqueiro da prática musical do grupo um campo empírico, quando surgiu a oportunidade de refletir sobre algo significativo que pudesse se tornar objeto de pesquisa, fui sugestionado pela oportunidade que tinha enquanto participante ativo de uma associação que vivencia uma experiência musical na dinâmica de sua rotina.

Dentro dessa dinâmica rotineira, na qual fazia parte os encontros semanais em que eram tratados diversos interesses da associação, sempre havia um momento reservado para os cânticos enquanto expressão de um sentimento religioso. Às vezes, esses cânticos eram acompanhados ao piano e saxofone; em outros momentos havia o acompanhamento com o violino; na maioria das vezes o cântico se dava acompanhado pelo violão e por algum instrumento percussivo. Em meio aos sons das vozes e instrumentos musicais, somados aos semblantes alegres em um clima de amizade, surgiu o interesse de investigar como era construída a relação com aquele tipo de música, buscando compreender: porque e em que momento surgiu; o propósito desse momento nos encontros; como era visto e vivido aquele momento, tanto na esfera individual como num todo; o porquê daquelas músicas e não outras; como se dava o aprendizado e a execução dos cânticos levando em consideração aspectos melódicos, rítmicos, harmônicos, bem como os parâmetros de altura, intensidade, timbre; dentre outros pontos.

Nesse cenário percebi que além da oportunidade de dar voz aos Gideões Internacionais no Brasil (GIB) perante a área acadêmica, tinha ao meu dispor a possibilidade de não privar os pares da existência desse universo com suas atividades musicais que perpassam um aglomerado de denominações evangélicas. Esse espaço até o momento tinha pouca ou nenhuma visibilidade por parte da comunidade acadêmica, embora em algum momento da vida tenham tido contato com algum Gideão ao receber gratuitamente um exemplar do Novo Testamento - produto final do trabalho dos GIB - em escolas, universidades, repartições públicas, dentre outros locais e situações.

Uma vez decidido o tema, precisei desenvolver um projeto que contivesse um questionamento que viesse a servir de “espinha dorsal”. Lembrei-me de Penna (2015, p. 49) quando enfatizou que nem sempre é “fácil quanto possa parecer

formular um ‘bom’ problema de pesquisa, uma ‘boa’ questão, pois não é qualquer pergunta que é capaz de direcionar produtivamente uma pesquisa” de forma articulada e coerente. Nesse sentido, precisei tornar algo que me era “familiar” em uma pesquisa relevante e que ao mesmo tempo fosse válido entre os pares. Soando algo redundante, precisei entrar em um campo empírico “estando” dentro. Além destas preocupações, precisei desenvolver certa habilidade para que o meu conhecimento e vivência nesse campo não produzisse um argumento tendencioso.

Esse foi o momento em que decidi assumir explicitamente meu envolvimento junto ao grupo pesquisado uma vez que, até então, tinha a preocupação de me posicionar a partir de uma visão externa ao campo na tentativa de não apresentar possíveis pontos de vista, crenças e complacências de ideologias pessoais. Essa nova perspectiva assumida teve a pretensão de ser o mais transparente possível ao leitor na tentativa de me fazer compreendido a partir de uma reflexão ora com um olhar interno e atento a minúcias, ora com um olhar externo de quem estava construindo um conhecimento sobre algo. Esses diferentes olhares são citados por Zago et al. (2003, p. 196) como uma dinâmica de compreensão “por dentro” e “por fora”, fazendo com que essa dialética contribua, de certa forma, para mostrar que “o que está em pauta, então, são as questões que envolvem a objetividade e a subjetividade do pesquisador” (ZAGO et al., 2003, p. 185), através do processo de complementaridade enquanto construção interpretativa e reflexiva da pesquisa.

3. Articulações entre olhar interno e olhar externo do pesquisador: a observação participante

Alguns autores da temática metodológica comentam que a observação participante se destacou enquanto técnica quando os cientistas deram ênfase ao acompanhamento dos processos de interação entre os sujeitos da pesquisa. Tais autores complementam essa ideia comentando que:

a observação participante tornou-se uma referência importante na distinção entre as diferentes abordagens, caracterizando-se, num sentido geral, pela presença constante do pesquisador no campo e a observação direta das atividades de um grupo no local de sua ocorrência (ZAGO et al., 2003, p. 187).

No meu caso especificamente, embora já estivesse inserido no campo empírico, passei a observar, de fato, quando comecei a perceber e descrever densamente diferentes situações que envolviam não só o ato de ver em si, mas também o ato de pensar sobre o que se via. Aprofundando nessa questão, o pesquisador precisa ter em mente que:

Os comportamentos, as ações, as atitudes, as palavras etc. envolvem significados, representam valores, pressupostos etc., próprios do sujeito e do ambiente sócio-cultural e econômico ao qual este pertence. Sob cada comportamento, atitude, ideia, existe um substrato que não podemos ignorar se quisermos descrever o mais exatamente possível um fenômeno (TRIVIÑOS, 1987, p. 155).

O “substrato” que o autor se refere está intimamente relacionado com o que denominou de “observação livre” ao reverberar em seu conceito que determinado evento social - simples ou complexo - seja separado abstratamente de seu contexto para ser estudado de forma singular, considerando suas atividades, seus significados e suas relações. Nesse sentido, é possível inferir que a utilização dessa abstração referida por Triviños pode ser feita, por exemplo, com base em alguns pontos apontados por Zago et al. (2003, p. 190), tais como, a compreensão e o empenho entre o “esforço da articulação entre fatos, o envolvimento na lógica de sua organização, o decifrar dos aspectos obscuros, o buscar pistas para desvendar certos mistérios”, no sentido de (re)interpretá-los através de um constante exercício.

Assim, no meu caso especificamente, com o passar do tempo o ato de observar - enquanto pesquisador e integrante dos GIB - foi proporcionando uma leitura do ambiente tal que a cada música executada trazia em seu bojo a representação de uma história de vida com valores e significados religiosos e sociais que envolviam a lembrança de lugares, situações e pessoas, por parte dos participantes. Essa percepção me auxiliou na interpretação do cenário - enquanto pesquisador - ao “mergulhar” nas histórias ali relatadas e ao mesmo tempo - enquanto integrante - interagir com as demais pessoas, sorrindo, cantando e contando minha própria história de vida ao relembrar fatos passados sob o estímulo das músicas. Acrescento aqui a essencialidade das diversas anotações por mim produzidas a partir das cenas e das gravações em áudio¹, principalmente dos

¹ Esse recurso foi utilizado através de solicitação prévia e autorização dos envolvidos.

momentos musicais, no sentido de registrar em seu contexto original a produção sonora do grupo². Aqui, vale ressaltar alguns comentários de Triviños sobre as anotações de campo:

podemos entender as anotações de campo, por um lado, como todas as observações e reflexões que realizamos sobre expressões verbais e ações dos sujeitos, descrevendo-as, primeiro, e fazendo comentários críticos, em seguida, sobre as mesmas. [...] as anotações de campo podem ter uma dimensão muito específica. E assim as entendemos quando estamos preocupados em delinear nosso comportamento como pesquisadores atuando como observadores livres de uma situação de investigação claramente delimitada (TRIVIÑOS, 1987, p. 154).

Nessa fala do autor vale enfatizar os pontos que falam da *delineação do comportamento dos pesquisadores* e da *situação claramente delimitada*, imprescindíveis para chancela de um estudo sério e comprometido com a ciência.

Um outro aspecto que trago, para situar o leitor, é que estavam previstas na minha pesquisa uma amostragem de tempo de, pelo menos, oito observações semanais sequenciadas e ininterruptas, sendo que decidi estender por mais seis semanas, totalizando uma amostragem de quatorze observações, durante os meses de fevereiro a junho de 2017. As duas primeiras semanas, consideradas “entrada” em campo, reservei para “ambientação” do espaço, seguindo as orientações de autores que tratam dessa temática.

Tomando como exemplo o período de observação estendido pude registrar o encontro de dois violonistas, representando duas gerações distintas, perceptíveis na idade e na forma de execução do instrumento. O acompanhamento musical de um dos violonistas se deu pela constante presença do baixo cantante do instrumento que remetia os presentes ao estilo seresteiro popular através do baixo dos violões; tal prática era muito comum no início do século XX ao se explorar a linha melódica na região grave do instrumento. Foi um momento explícito de ensino e aprendizado musical entre os dois músicos, que reforçados - entre uma música e outra - por comentários pessoais relembavam um passado distante, porém bem vivido pelos mais idosos. Possivelmente, se eu não fizesse parte do grupo, ao ter concluído no período inicialmente estabelecido, tivesse perdido a oportunidade de registrar o acontecido; felizmente, como resultado da minha

² Foi construído um *blog* com o objetivo de disponibilizar parte dos dados construídos ao longo da pesquisa. O material pode ser acessado pelo endereço <meutrabalhodecampo.tumblr.com>.

flexibilidade, isso não ocorreu. Esse fato nos leva a refletir que as escolhas que fazemos no decorrer da pesquisa podem expandir ou estreitar nossa consideração sobre um foco específico, ou uma parte dele.

4. Ajustando o instrumento de coleta de dados: questionário

A princípio, além da observação, planejei utilizar outra técnica de coleta de dados através de entrevista individual. Contudo, precisava dialogar com alguém que representasse a Sede Nacional dos GIB, na cidade de Campinas, SP que tivesse conhecimento e acesso aos registros que tratavam do processo de formação da hinódia oficial da associação, bem como do processo de revisão/atualização dos cânticos utilizados entre os GIB, já que um dos objetivos da pesquisa buscava analisar a aprendizagem musical a partir do canto coletivo. Depois de algumas trocas de e-mails ficou acordado que o Diretor Executivo se encarregaria de participar da entrevista, sem nos atermos ao modo de como esta seria feita, embora já tivesse ciência que não seria possível me deslocar para São Paulo para realizá-la, restando a possibilidade da entrevista online por meio de algum comunicador instantâneo. No entanto, o estorvo de marcar um horário comum, frente às exigências de sua função com uma agenda fechada e distribuída em diversos compromissos tais como viagens, reuniões e demandas burocráticas com responsabilidades múltiplas, além de evitar ser inconveniente, não foi possível nos colocarmos “frente a frente”, mesmo que por meios tecnológicos. Assim, o que seria uma entrevista, após adaptação, se transformou em um questionário com perguntas abertas que foi encaminhado, via internet, ao assessor do diretor executivo, pessoa que viabilizou todo processo junto a Sede Nacional dos GIB.

Essa possibilidade de transformação - considerando que entrevista e questionário são procedimentos distintos - não estava prevista. Uma reflexão sobre essa modificação me levou a buscar informações quanto ao uso de uma e/ou outra técnica de coleta no sentido de distingui-las. De acordo com Penna (2015, p. 135), a “diferença básica - e clássica - entre questionários e entrevistas, em suas diversas formas, é que os questionários são escritos e as entrevistas são orais, de viva voz, comumente face a face”. A autora complementa sua argumentação dizendo que,

as entrevistas são interativas e permitem a observação de posturas corporais e expressões faciais do entrevistado, que podem também ser consideradas informativas. Por esse caráter, as entrevistas podem ter formatos mais abertos e flexíveis, capazes de refletir o dinamismo da interação estabelecida entre o entrevistador e o entrevistado (PENNA, 2015, p. 136).

Se por um lado, com o uso do questionário, não seja possível perceber posturas e expressões do informante, como apontado pela autora, por outro, é possível que nas perguntas abertas suas respostas sejam colocadas de forma cuidadosa e com um maior grau de profundidade, devido ao tempo que se tem para refletir no que será redigido enquanto resposta esclarecedora aos questionamentos do pesquisador. Isso vai ao encontro do que pontuou alguns autores quanto ao uso do questionário, entendendo - dentre outras particularidades - que esse instrumento “permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente; e não expõe os pesquisadores à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado” (CHAER; DINIZ; RIBEIRO, 2011, p. 260). De fato pude observar esse cuidado quando o questionário retornou via e-mail para minhas mãos; além do tempo de espera, que foi relativamente extenso - quase dois meses, percebi o cuidado e o aprofundamento nas respostas, ficando claro que o participante não mediu esforços para colaborar com a pesquisa. Não obstante, tive que lidar com certa apreensão durante todo período em que precisei aguardar o retorno do questionário.

Enquanto pesquisador é necessário exercitar a capacidade de saber aguardar com calma, bem como entender que tanto as pessoas quanto o local que serão pesquisados, não são, nem estão total e exclusivamente disponíveis para colaborar e participar com a demanda e prazo do investigador. Nessa perspectiva, assumem o papel de colaboradores que em meio a rotina normal, abrem espaço para que - na medida do possível - contribuam com o conhecimento científico, estando, contudo, desobrigados de se submeterem a algum tipo de constrangimento, bem como de serem coagidos a determinada ação ou inação.

5. Depoimento dos participantes: entrevistas

O outro instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista, realizada com quatro participantes nos meses de junho e julho de 2017. A escolha dessa técnica estava intimamente relacionada com um dos objetivos da pesquisa que

tratava de compreender as relações de sociabilidade e sua importância no processo de aprendizagem musical. Dessa forma, o roteiro utilizado para condução das entrevistas continha questões abertas elaboradas num formato semiestruturado. Nesse modelo de entrevista a sequência das questões formuladas não precisa seguir uma rigidez, como posto por diversos autores, pois conforme a interação e a dinâmica ocupam lugar de reciprocidade, naturalmente são introduzidas perguntas que se conectam com o prolongamento da temática. Aqui trago a questão da confiabilidade entre pesquisador e pesquisado, pois, no meu caso, como já tínhamos um relacionamento de convivência cotidiana, a entrevista se tornou uma conversação³ rica em detalhes que me fez refletir, por um lado, no risco de estimular ou até mesmo induzir os entrevistados a uma informação desejada, em outras palavras, “responder aquilo que o participante acredita que o pesquisador quer ouvir” (PENNA, 2015, p. 142).

Por outro lado, a relação de confiança permitiu maior humanização através de depoimentos mais espontâneos e aprofundados, sempre levado em consideração o rigor científico. Nesse ponto, abro um parêntese para trazer a sugestão de Penna (2015), quando ainda durante a elaboração do roteiro de entrevista é possível

realizar um pré-teste ou aplicação piloto, que, dirigida a um número pequeno de participantes com perfil semelhante ao das pessoas às quais pretende efetivamente pedir depoimento em sua pesquisa, servirá tanto para seu próprio treinamento com o instrumento de coleta de dados, quanto para checar a adequação do mesmo [...]. Com base no pré-teste, a entrevista ou questionário será reelaborado, buscando sanar as dificuldades encontradas (PENNA, 2015, p. 140).

³ A ideia de conversa no ato da entrevista é criticada por Brandão (2002). Para o autor, a entrevista “não tem nada a ver com uma conversa. A entrevista é *trabalho*, reclamando uma atenção permanente do pesquisador aos seus objetivos, obrigando-o a colocar-se intensamente à escuta do que é dito, a refletir sobre a forma e conteúdo da fala do entrevistado, os encadeamentos, as indecisões, contradições, as expressões e gestos” (BRANDÃO, 2002, p. 40, grifo do autor). Meu posicionamento difere desse autor, pois mesmo em uma conversa, acredito, é possível refletir tanto no significado da fala do entrevistado quanto nas suas diferentes expressões de entonação e gestos. Entendo que em uma simples conversa informal possa existir um formato *despretensioso*. Mas aqui não se trata disso, pois enquanto técnica de coleta de dados “é acima de tudo uma conversa a dois, [...] realizada por iniciativa do entrevistador [com] o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo” (MINAYO, 2012, p. 64).

Esse “primeiro rascunho⁴” - nos termos da autora - foi fundamental para que eu sanasse algumas dificuldades relacionadas com a clareza, adequação e condução das perguntas, além de propiciar maior segurança no momento da entrevista. Ademais, penso que a vontade de descobrir, de esmiuçar e a sede de saber me levaram a perceber que todo trabalho e esforço não eram mera formalidade acadêmica, mas consistia em me defrontar com fatos que deveriam ser compreendidos e validados, primeiramente a nível pessoal, e conseqüentemente, para que o resultado das entrevistas propiciasse a construção de um material suficientemente rico para interpretação.

5.1 A duração das entrevistas

Com relação a duração de uma entrevista pode-se dizer que envolve diferentes fatores como disponibilidade e interesse do entrevistado, além de sua empatia com o entrevistador. Sabemos que o tempo é um elemento importante para permitir o aprofundamento do que está sendo investigado e por isso mesmo é frequente que o encontro com o entrevistado se amplie para além do previsto, como sinalizado por Zago et al. (2003, p. 304). Nesta pesquisa o tempo médio das entrevistas foi de 40 minutos, com extremos que variaram entre 37 e 61 minutos, considerando que não ficamos todo o tempo voltado para os temas previstos. Além disso, em alguns casos, o início ganhou um tom mais formal por saber que estava sendo gravado, tornando-se, contudo mais descontraído do meio para o final da entrevista. Em alguns momentos foi necessário intervir, fosse para solicitar mais esclarecimentos a respeito do que estava sendo dito, fosse para solicitar informações complementares ao retomar fatos citados para dar continuidade ao discurso.

5.2 Transcrevendo as entrevistas

Com relação as transcrições, foi valiosa a utilização do aplicativo *Microsoft Word* através do recurso de reconhecimento de voz. Apesar de não o utilizar diretamente nas entrevistas, seu uso posterior se deu como um tradutor

⁴ O teste de entrevista foi realizado com um integrante do grupo no sentido de me familiarizar com o instrumento de coleta de dados. No entanto, houve dificuldade em achar alguém que tivesse perfil equivalente ao das pessoas que foram entrevistadas, considerando o universo e os critérios estabelecidos na pesquisa.

consecutivo onde eu reproduzia o que o entrevistado dizia e o aplicativo traduzia minha fala em texto. O processo de conversão não era tão preciso, mas suficiente para um primeiro esboço de transcrição, que depois de conferido com o original sofreu os ajustes necessários. Tudo isso, aliado a outros fatores, evidencia que transcrever as entrevistas “não é tarefa simples ou fácil” pois, como apontado por Penna (2015, p. 141), por “suas próprias características, a fala diferencia-se da linguagem escrita, envolvendo pausas, repetições, hesitações, alongamento de vogais e outros elementos”, que nem sempre são possíveis indicar na íntegra durante a transcrição.

Desta forma, adotei alguns critérios, sugeridos por Penna (2015), na transcrição ao utilizar a ortografia padrão - como se escreve no dicionário, procurando sempre respeitar as construções de frases empregadas pelos entrevistados. Além disso, procurei “limpar” o uso excessivo de marcadores conversacionais⁵, tais como “né”, “tá”, “entendeu” tomando o cuidado de não descaracterizar o perfil dos entrevistados. Por outro lado é importante que o pesquisador inicial tenha em mente que o processo de transcrição demanda muito tempo e esforço, além de requerer um processo interpretativo.

5.3 Codinomes: utilizar ou não?

Outro aspecto a ser enfatizado, referente aos participantes, é que foi mantido - com os devidos consentimentos - o nome verdadeiro de todos que integraram a pesquisa. Embora tenha tido o cuidado de não utilizar a imagem visual dos participantes com o intuito, tão somente, de deixá-los à vontade durante os momentos de observação, a decisão de manter os nomes reais se deu pelo fato de que não houve nenhuma razão forte o suficiente que os impedissem de serem identificados. Uma das justificativas é que,

mascarar nomes de pessoas ou de determinada comunidade pode trazer a mesma impressão que trazem os rostos borrados ou as tarjas pretas cobrindo os olhos que vemos em filmes e fotos de jovens infratores. Parece designar justamente as pessoas que têm algo para esconder (FONSECA, 2008, p. 41).

⁵ A decisão de retirar o uso dos marcadores conversacionais se deu pela influência da disciplina Pesquisa em Educação Musical, cursada no período 2017.1. Muito embora não haja unanimidade dos professores do Programa de Pós-graduação em Música da UFPB a esse respeito, frente ao risco que se corre em descaracterizar o entrevistado, mantive essa opção. A fundamentação se dá na literatura disponível à área de Educação Musical [PENNA, 2015].

Assim, compactuo com o autor na medida em que os participantes dessa pesquisa não demonstraram nenhum constrangimento por serem identificados pelos seus nomes reais; aliás, sentiram-se lisonjeados em poderem contar suas histórias de vida com valores significativos próprios, sabendo que estavam contribuindo para a construção de um estudo que se entrelaçavam significados musicais, religiosos e sociais. Nesse sentido, seguindo os princípios éticos das pesquisas acadêmico-científica, tudo foi realizado em consonância com o que ficou acordado e documentado entre pesquisador e participantes.

6. Considerações Finais

Essa comunicação tratou especificamente da parte metodológica de uma pesquisa de mestrado ressaltando como se deu a construção dos dados que compuseram o estudo. A dinâmica utilizada considerou tanto a fala pessoal do autor, incluindo as descrições do que se passou “nos bastidores” da pesquisa, quanto o posicionamento de diferentes autores que tratam da temática aqui discutida. Os detalhes das várias situações expostas foram inseridos para apresentar alternativas úteis no sentido de propiciar diferentes argumentações para quem está começando a fazer pesquisa. Assim, não poderia finalizar essa comunicação sem mencionar três pontos que julgo relevantes.

O primeiro refere-se aos limites encontrados na empiria da pesquisa, considerando a produção e a análise dos dados utilizados. Dentre esses limites destaco o fato de poder extrair de um ambiente religioso situações que caracterizaram o ensino e a aprendizagem musical sem alterar o contexto estudado, tendo em vista os valores e os significados pessoais e coletivos, a exemplo das experiências, crenças e pensamentos baseados na fé cristã evangélica.

O segundo ponto relaciona-se com algumas dificuldades encontradas no decorrer da pesquisa. De forma genérica, o fato de assumir a função de pesquisador em um ambiente que coincidia com minha atividade de participante do grupo foi, inicialmente, conflituoso, já que conhecia parte dos demais integrantes e tinha uma noção da rotina do ambiente. Ademais, de forma mais específica, foi difícil os primeiros momentos reservados a observação, já que deveriam ser destacadas situações diferentes daquelas que eram vistas habitualmente. Nesse sentido, foi valiosa a leitura do referencial teórico-metodológico selecionado,

tendo em vista que a partir deles o significado dos dados empíricos foram gradativamente sendo compreendidos numa perspectiva científica. Daí a importância de selecionar, com o auxílio do orientador, bons referenciais metodológicos; grande parte deles apresentam uma gama variada de sugestões “do quê” e de “como” utilizar os dados coletados no campo, principalmente aqueles advindos do período de observação.

Por fim, resalto neste terceiro e último ponto alguns avanços decorrentes da pesquisa ao tornar conhecida aos pares a prática musical existente na Associação os Gideões Internacionais no Brasil, já que até o momento do estudo ainda não havia sido explorada. Outro ponto que fortaleceu a pesquisa foi a compreensão de que a música - para além do que se ouve - pode funcionar como elo entre os integrantes e a missão de um grupo social, a exemplo da *comunidade de prática*⁶ em que as pessoas voluntariamente compartilham de um mesmo interesse ou paixão, que por sua vez, resultam no prazer da amizade e confiança que natural e gradualmente surgem ao longo da convivência.

Referências

BRANDÃO, Zaia. Entre questionários e entrevistas. In: *Pesquisa em educação: conversas com pós-graduandos*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 27-43.

CRESWELL, John W. Procedimentos qualitativos. In: *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 184-210.

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. In: *Evidência - Olhares e pesquisa em saberes educacionais*. Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011. Disponível em: <<https://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/view/201>>. Acesso em 05 Jun. 2019.

GIBBS, Graham. *Análises de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília e Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 61-77.

⁶ Por questão de espaço nessa comunicação, o conceito de *comunidade de prática* e suas relações com o tema não foi discutido. No entanto é possível obter maior profundidade na pesquisa completa (RIBEIRO, 2018).

PENNA, Maura. *Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RECK, André Müller. Práticas musicais gospel no cotidiano e educação musical. *Revista da ABEM*. Porto Alegre, v. 20, n. 29, 2012.

RIBEIRO, Ricardo Soares. *Aprendizagens, práticas musicais e sociabilidade na Associação Os Gideões Internacionais no Brasil*. 2018. 169 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/13569>>. Acesso em 15 maio 2019.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Observação livre. In: *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987. p. 152-158.